

Mapa, conceitos e travessia: as práticas integrativas e complementares em saúde no Sistema Único de Saúde

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37182910>

Laura Iumi Nobre Ota*
Yara Maria de Carvalho*

*Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

As práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) são uma realidade no cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS) e nesses últimos anos têm se expandido. Esta pesquisa qualitativa, a partir de entrevistas individuais, resultou em um mapa que mostra autores e obras usados como referencial por profissionais de saúde responsáveis pelas PICS no Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO) Parque Ibirapuera, para orientar as práticas. São conexões, conceitos, sentidos e significados atribuídos às PICS e às relações com a saúde. Em diálogo com Antônio Cândido e ao encontro de Guimarães Rosa discutimos a formação em saúde problematizando o pensar sobre a prática. Os encontros e desencontros acontecem nos diferentes caminhos e instigam minha travessia, sem começo e sem fim.

PALAVRAS-CHAVE: Formação em saúde; Práticas de saúde; Educação Física e saúde; CECCO.

Introdução

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), gradativamente, têm se tornado um dispositivo de produção de cuidado no Sistema Único de Saúde¹⁻² (SUS). Cada uma com uma dinâmica própria, individualizada e distinta, mas também comum, em diferentes ambientes institucionais e sociais e com significados culturais, políticos, sociais, econômicos e históricos. As PICS contemplam racionalidades médicas e recursos terapêuticos de abordagens com diferentes concepções de saúde-doença, que por meios naturais, buscam a prevenção de agravos e a promoção e recuperação da saúde³, caracterizam-se por linguagens singulares e a interdisciplinaridade. Deste modo, compreendemos que as PICS não se referenciam apenas no cuidado à saúde, mas ao encontro das multiplicidades e formas de estar no mundo.

No Brasil, as PICS vivem, principalmente nesses últimos anos, um período de crescimento e expansão no SUS. Quando a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares³ (PNPIC) foi criada em 2006, ela abarcava cinco práticas: a homeopatia, a medicina tradicional chinesa/

acupuntura, a medicina antroposófica, plantas medicinais e fitoterapia, e termalismo social/crenoterapia. Em 2017, foram incorporadas 14 PICS – ayurveda, arteterapia, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa e yoga – e, em março de 2018, mais 10 novas práticas – apiterapia, aromaterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, ozonioterapia, terapia de florais –, totalizando 29 práticas integrativas e complementares em saúde no SUS. Assim sendo, devemos considerar os diversos discursos produzidos no meio em que vivemos ao pensarmos os sentidos e significados das PICS na sociedade atual.

As práticas integrativas e complementares pressupõem uma formação em saúde a partir das bases filosóficas e conceituais de diferentes racionalidades médicas – a homeopatia, a medicina tradicional chinesa, a ayurveda e a medicina antroposófica –, que trazem múltiplas

compreensões do fenômeno saúde-doença. Por outro lado, o modelo biomédico de formação ainda é muito presente na maioria das graduações em saúde⁴. Entendendo que diferentes formas de pensar-fazer saúde acontecem no SUS e concordando com as autoras⁴ que é imprescindível a formação de profissionais que trabalham com as PICS em diálogo com os princípios do SUS e com a saúde coletiva, procuramos compreender os processos de produção de conhecimento.

Diante desse cenário, caminhando de acordo com uma das diretrizes da PNPIC que propõe a criação de estratégias em conformidade com a educação permanente para a qualificação de profissionais no SUS³, buscamos conhecer a formação dos profissionais de saúde que trabalham com as PICS, para tentar compreender como pensamos a prática profissional, o processo formativo e a experiência de formação. A necessidade de qualificação da formação de profissionais para atuação com as PICS no SUS também é indicada em algumas pesquisas⁴⁻⁶. Outras, que discutem as PICS ao invés das práticas individualizadas presentes na PNPIC, trazem achados interessantes, mas não relacionados diretamente com a formação em saúde, como a implementação⁷⁻⁹ e a oferta e produção de atendimentos no SUS¹⁰.

Partindo de um referencial da saúde coletiva e compreendendo a formação para o SUS focada no cuidado em saúde, buscamos os autores que subsidiam a prática profissional para pensar sobre o fazer nas PICS e problematizar o que produzimos em saúde sem “repetir, repetir – até ficar diferente”^a.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de natureza descritiva e transversal que propõe a utilização de um instrumento-mapa com o propósito desenhar a complexidade das relações entre as práticas de saúde e as reflexões teórico-conceituais, procurando conhecer o que se faz e como se faz¹⁶ e, efetivamente, contribuir para o desenvolvimento do potencial das PICS no SUS¹¹.

O campo de pesquisa foi o Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO) Parque Ibirapuera, instituição de saúde da administração direta da prefeitura de São Paulo, localizada na zona Sul da cidade. Os CECCO são serviços de saúde da prefeitura de São Paulo que “compõem

Ao contrário do que se observa na literatura da área, que não contribui para a discussão do potencial das PICS na atenção à saúde devido à procura por validação a partir do viés biomédico¹¹. Pois, “[...] é preciso tratar especificamente da questão da mudança dos conceitos, dos conteúdos, das práticas, da produção das relações porque elas é que são o centro da mudança da formação”¹² (p. 159). Assim, entendemos o conhecimento como um conjunto de saberes e práticas construído a partir da experiência cognitiva e afetiva¹³, que *nos acontece e nos toca*¹⁴ nos encontros e desencontros de corpos e práticas do cotidiano, compostos por singularidades, modos de existência e subjetivações^{12-13,15}.

Cabe destacar os autores e obras que trazem sentidos e significados aos conceitos e práticas das PICS, trazendo-os a partir da experiência de profissionais de saúde com a leitura e mapeando a travessia pelos territórios indefinidos de experiências, saberes e práticas que compõem o processo formativo em saúde que atravessa as diferentes ciências – naturais, sociais, humanas –, as humanidades e a saúde coletiva. Esta, ao possibilitar “diferentes escutas ou diferentes modos de olhar, pensar e produzir saúde”¹³ (p. 139) dialoga, troca de lugar, compõe e se mistura com as PICS no SUS. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo mapear autores e obras utilizados como referencial teórico-conceitual para pensar a prática dos profissionais responsáveis pelas PICS em um serviço de saúde do município de São Paulo a fim de, em última instância, contribuir com o debate e, especialmente, a qualificação da formação em saúde.

a Rede de atenção psicossocial em consonância com a Política Nacional de Promoção da Saúde, em interface com a Cultura, Esporte, Meio Ambiente, Educação e Trabalho”¹⁷ (p. 20). São serviços abertos a qualquer pessoa, promovendo o encontro da diversidade a partir de oficinas artesanais, culturais, esportivas e práticas corporais, e outros eventos.

Participaram da pesquisa as profissionais de saúde responsáveis pelas práticas integrativas e complementares desse CECCO no período de abril de 2019 a junho de 2019. Foram excluídos da pesquisa os colaboradores (nome dado, nessa instituição, à pessoa que ajuda com o

conhecimento de determinada técnica nas oficinas ofertadas) do CECCO. As três profissionais que trabalham com as PICS no serviço aceitaram participar da pesquisa.

As profissionais responderam a uma entrevista com horário pré-agendado por cada participante. As entrevistas ocorreram individualmente em salas do CECCO Parque Ibirapuera durante uma pausa no horário de trabalho de cada uma, entre a última semana de abril e a segunda semana de maio de 2019. A entrevista, com um roteiro semiestruturado, era composta por uma questão sobre a atividade oferecida e questões abertas sobre a formação do grupo que elas coordenam, como elas optaram por essas práticas e quais são os autores e obras utilizados como referencial teórico-conceitual para a prática profissional. As respostas foram gravadas em áudio e transcritas pela pesquisadora principal.

Resultados

No CECCO Parque Ibirapuera há, pelo menos, uma prática integrativa e complementar em saúde em cada dia da semana, são elas: música, caminhada/alongamento, tai chi pai lin, yoga e meditação. Essas cinco oficinas são coordenadas por três profissionais de saúde da instituição que trabalham no SUS há mais de 25 anos.

A oficina de música é coordenada por uma profissional (P1) e ocorre junto com uma colaboradora. Esta oficina possui as características definidas no Glossário Temático das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde¹⁹ da musicoterapia – “prática expressiva que utiliza basicamente a música e/ou seus elementos no seu mais amplo sentido – som, ritmo, melodia e harmonia –, em grupo ou de forma individualizada.” (p.80) –, por isso foi identificada como uma PICS. A musicoterapia passa a integrar as práticas institucionalizadas na PNPIC a partir da publicação da Portaria Ministerial GM nº 849, de 27 de março de 2017.

O alongamento está integrado no grupo de caminhada que ocorre duas vezes por semana e é coordenado por uma profissional (P2) deste CECCO. A caminhada e o alongamento não aparecem como práticas institucionalizadas na PNPIC, mas aparecem na área técnica

Compartilhando a voz com as profissionais e praticando coautoria na produção do conhecimento¹⁸, sem análise, julgamento ou conclusão sobre as falas de cada uma, trazemos trechos das falas de forma corrida no texto em itálico e entre aspas, as identificando com a letra P de profissional, seguida dos números cardinais 1, 2 e 3, isto é, P1, P2 e P3, de acordo com o mapa apresentado. Desse modo, as falas dialogam com Antônio Cândido e encontram Guimarães Rosa para, em conjunto, discutirmos a formação em saúde e o pensar sobre a prática a partir do processo formativo e da experiência de formação.

A pesquisa respeitou a Resolução CNS 466/12 do Ministério da Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (CAAE: 05988919.5.0000.0086). As profissionais entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram informadas sobre os objetivos e finalidades do estudo.

das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo²⁰.

As demais oficinas – tai chi pai lin, yoga e meditação – são coordenadas por uma terceira profissional de saúde (P3) e ocorrem uma vez por semana. Há dois grupos de yoga que acontecem com a ajuda de duas colaboradoras, uma para cada turma. As oficinas de tai chi pai lin e meditação são ofertadas e coordenadas por essa profissional. Ela também é responsável pela coordenação geral das PICS no serviço.

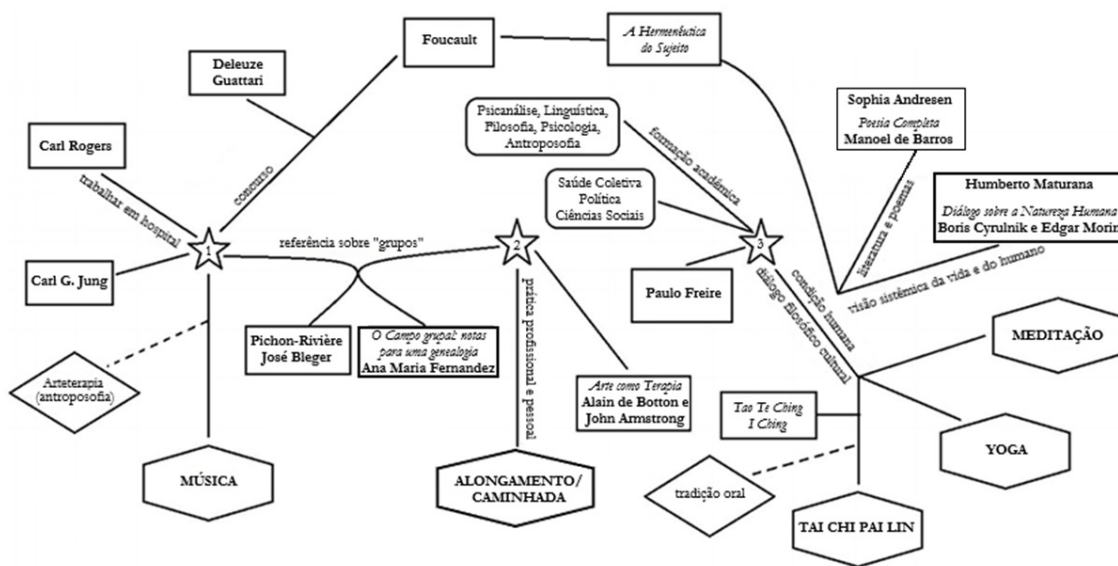
Para mapear autores e obras trazidos como referencial pelas profissionais responsáveis pelas PICS no CECCO Parque Ibirapuera (FIGURA 1) não seguimos nenhum modelo estrutural e entendemos que ele nos mostra um momento e um espaço único, é dinâmico e se movimenta para todas as direções, ele tem múltiplas entradas e saídas, não tem um começo ou um fim, é aberto e sensível a modificações constantes, ou seja, pode ser adaptado a composições de outra natureza.

Os pontos (autores, obras, profissionais de saúde, oficinas, áreas de conhecimento, curso de formação) podem ser conectados a qualquer outro, mesmo os que estão fora deste mapa, dos mais próximos aos mais distantes, o que os aproxima

de alguma maneira. Assim, não falamos em pontos, mas linhas que proliferam o conjunto e criam um “equilíbrio instável”^b, como se levássemos essas linhas

para passear^c. Linhas que podem ser rompidas ou quebradas em qualquer lugar, que ao se reconectarem, se transformam e nos ajudam a caminhar.

FIGURA 1 - Mapa de autores e obras referenciais das profissionais responsáveis pelas PICS no CECCO Parque Ibirapuera, São Paulo, 2019.



Fonte: Elaborado pela autora principal, 2019.

As profissionais trazem os autores Pichon-Rivière e José Bleger e a obra *O Campo Grupal: notas para uma genealogia* da autora Ana Maria Fernandez como uma referência para pensar sobre grupos para a prática profissional no CECCO.

A formação acadêmica e profissional percorre diferentes caminhos: Carl Rogers é uma referência para trabalhar em hospital, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault são autores procurados para concurso, Carl G. Jung é uma busca pessoal, a prática profissional e pessoal aparece como uma referência, e a formação acadêmica específica – linguística, psicanálise – e com um núcleo comum para todos os cursos – filosofia, antropologia, psicologia – compõe um percurso para pensar esse referencial. O percurso de formação para trabalhar na saúde levou à procura de composições com obras de Paulo Freire, com a saúde coletiva, a política e as ciências sociais.

Há referências que ajudam a pensar a oficina de

PICS ofertada a partir da fundamentação teórica das racionalidades médicas, como a arteterapia com uma visão antroposófica e as obras *Tao Te Ching* e *I Ching*, assim como a tradição oral do Tai Chi Pai Lin que é transmitida pela discípula do mestre Liu Pai Lin, Jerusha Chang, desde o ano 2000²¹.

A literatura e poemas aparecem como uma referência para pensar a “condição humana” [P3], assim como os autores Humberto Maturana e Edgar Morin. Por último, aparecem autores e obras de leituras atuais: *Arte como Terapia* dos autores Alain de Botton e John Armstrong, *Diálogo sobre a Natureza Humana* de Boris Cyrulnick e Edgar Morin, *A Hermenêutica do Sujeito*, de Michel Foucault e poemas da autora Sophia Andresen e Manoel de Barros na obra *Poesia Completa*. Essas três últimas obras e autores apresentam-se como releituras constantes para pensar a prática profissional e os sentidos e relações da vida.

Discussão

O direito à leitura

Partindo do mapa de autores e obras propomos um diálogo com as ideias de Antônio Cândido na obra *O Direito à Literatura*²² e um encontro com Guimarães Rosa em *Grande Sertão: veredas*²³. Cândido foi uma das figuras mais importantes e representativa dos estudos literários do Brasil e nesta obra ele defende a literatura como um direito humano indispensável a todos. O autor entende que hoje há possibilidades materiais para solucionar as grandes desarmonias humanas, desta forma, ao falar em direitos humanos, ele não traz apenas os bens que “asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integralidade espiritual”²² (p. 174), assim, inclui, dentre outros, a arte e literatura.

É importante destacar que a literatura é compreendida da “maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático”²² (p. 174), isto é, uma manifestação humana que entramos em contato diariamente através de alguma forma de fabulação. De tal modo, ela nos humaniza porque nos faz viver. Dessa maneira, a literatura tem um papel humanizador ao (1) ser uma construção de objetos autônomos como estrutura e significados, ao (2) ser uma forma de expressão e (3) ser uma forma de conhecimento²². O efeito que ela causa em nós resulta, segundo o autor, da interação simultânea desses três aspectos, sendo o primeiro o mais essencial.

Como na literatura, a escolha de um autor nos mostra os “conceitos que regem a nossa atuação” [P3] e categorias analíticas com as quais trabalhamos, ou seja, as “escolhas de que forma a gente vai interpretar a realidade” [P3] e como organizamos a percepção e visão que temos de mundo e como podemos talvez, pensar a nossa prática profissional; “é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada”²³ (p. 178).

Em seu estudo, os autores⁸ apontaram uma imprecisão conceitual nos discursos em relação às PICS e a promoção da saúde, nos quais aparece uma lógica do paradigma biomédico. Diante disso, é importante destacar que em um primeiro momento, quando perguntadas sobre o referencial para a prática, algumas profissionais não trouxeram nenhum autor ou obra, pois “teoricamente, eu não tenho nada” [P2], “eu não

precisei fazer esse exercício, sabe de, de embasar a oficina” [P1], nos apresentando uma dificuldade em trazer os conceitos próprios das práticas integrativas e complementares em saúde.

Por outro lado, os autores e obras trazidos para pensar a prática profissional de atuação com as PICS são próprios de cada profissional e não parecem estar relacionados com o saber técnico da prática integrativa e complementar em saúde que trabalham, mas com a sensibilidade e visão de mundo de cada uma, ou seja, “a forma como você atua e você ir atrás das práticas integrativas é um modo de estar no mundo” [P3].

Segundo Cândido, a palavra organizada ajuda a “ordenar a nossa própria mente e sentimentos”²² (p. 177), ampliando a nossa capacidade de ver e sentir. As profissionais entrevistadas não trouxeram um único autor ou obra de referência para a sua prática profissional, “não poderia [...] dizer nenhuma especificamente” [P2], mas autores ou obras que passaram ou estavam ocupando um espaço naquele momento. Esses, de maneira explícita ou não, indicam os conceitos que organizam a prática profissional de cada uma delas.

As escolhas de autores, obras e conceitos caminham por diferentes trajetórias que se cruzam, se rompem, se reencontram, se transformam e contribuem para a formação de cada uma, combinando de modo variado. Uma pluralidade que parece não se restringir ao interesse de cada uma, mas dialogar com as oficinas ofertadas, assim como complemento e interação entre diferentes saberes, como desafio indicado na pesquisa⁶. Como percebemos na oficina de yoga e tai chi pai lin - “quando a gente dialoga com culturas diferentes, você tem que caminhar por isso, caminhar filosoficamente por isso” [P3] - ou de música - “mas eles falam [antroposofia] das outras abordagens, junguiana, a gestalt terapia, na parte de arteterapia é muito importante, a visão freudiana também, então, quer dizer, não dá para ser muito genérico, mas também não dá para você ficar em uma moldura só” [P1].

A busca por cursos de formação em práticas integrativas parece completar esse referencial, uma vez que os cursos não são apenas referentes à técnica de determinada PICS, mas relacionados à filosofia e conceitos das racionalidades médicas, como a formação em arteterapia com uma visão antroposófica para conversar com a oficina de

música no CECCO Parque Ibirapuera. Assim, o modo de perceber o mundo de cada profissional parece complementar com a PICS ofertada, assim como a busca por cursos como uma estratégia de qualificação da formação e melhoria da atenção à saúde, diferente do indicado na pesquisa⁵.

Podemos dizer que experimentamos a leitura de uma forma única e é com ela que damos vida às obras e autores, na qual podemos partir do mesmo ponto, mas chegamos a diferentes caminhos. As obras nos exprimem quando as lemos e as revivemos em nossa experiência. A leitura permite essa comunicação humana “por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”²⁴ (p. 23).

A experiência parece ser um aspecto importante no processo formativo das profissionais, “*que tem a ver com a minha prática profissional de vida, de profissional e de vida, principalmente*” [P2], “*vim, gostei e percebi que funciona*” [P1]. Quando as profissionais entrevistadas não trazem autor ou obra para pensar a prática, mas o “*que eu sinto assim na prática, o meu trabalho é mais uma coisa da prática mesmo*” [P1], não é possível compreender se a experiência é aquela que *nos acontece, nos toca*¹⁴, e se essa prática é qualificada de alguma maneira, pois “*vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas*”²³ (p. 413).

A experiência pode formar e transformar o sujeito da experiência quando temos um tempo para pensarmos e darmos sentido ao que nos acontece e ao que somos, quando há um encontro com o que se experimenta e nos apropriamos da nossa vida¹⁴. A experiência não pode ser repetida, ela acontece de maneira singular para cada pessoa e seu sentido também é particular, subjetivo e pessoal. Dessa forma, o “saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”¹⁴ (p. 26), que “não está na saída e nem na chegada: [...] se dispõe para a gente é no meio da travessia”²³ (p. 64).

Diante disso, a construção de pontes para a travessia pode criar “*possibilidades de olhares e de poder respirar bem, de poder se inspirar e fazer isso junto, em grupo*” [P2] e se pudermos construir espaços de criação e pensamento para irmos ao encontro com as nossas experiências podemos produzir “deslocamentos no nosso corpo, do campo racional para o sensível, no qual as afetações,

ou seja, aquilo que nos afeta, trazem possibilidades de narrativas e aprendizados”²⁵ (p. 6), e “*as práticas integrativas fazem, [...] além da composição dentro da gente, da gente entender que a gente é corpo*” [P3].

Os autores²⁵ sustentam a ideia de que os espaços de saúde produzem acontecimentos e experiências, mas a maneira como esses são organizados acaba nos distanciando desse lugar de produzir conhecimentos aos experimentarmos a potência dos encontros. Dessa maneira, ao olharmos diferente para o cotidiano das nossas práticas de saúde, podemos questioná-las e, talvez, criarmos linhas que se cruzam e se misturam como as linhas do mapa de autores e obras dessas profissionais de saúde, produzindo trocas, conexões e transformações.

Desse modo, ao nos *ex-pormo*¹⁴ às incertezas da experiência poderíamos viver^d como Riobaldo, narrador/personagem de Grande Sertão: veredas:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)¹⁴ (p. 27).

As pluralidades de modos de existir aparecem nas variedades de autores e obras que as profissionais trouxeram como referência para pensar a sua prática que “*não passam só pela questão do que é científico, quantitativo, eles passam por essas questões humanas*” [P3], fugindo da forma curativista e intervencionista que as PICS muitas vezes denotam quando reproduzem a biomedicina de base biologicista, conforme a pesquisa⁴. Variedade que percorre leituras atuais gerais e relacionadas à prática profissional, leituras relacionadas à formação acadêmica formal e não-formal, e também, buscas pessoais. É importante destacar que apenas uma delas trouxe o *seu*²⁶ livro ou autor, aquele livro que tenha sido apreciado como uma riqueza para quem o leu, aquele que nunca terminou de dizer o que queria dizer, aquele livro lido com amor com o qual se estabeleceu uma relação pessoal, que quando lido se revelou novo, inesperado e inédito²⁶, um encontro totalmente novo: a “*literatura, [...] eu tenho fontes que são os*

poemas, então desde o Dante até o Paulo Leminski, essa variação, porque eu acho que esse campo da literatura faz a gente entender a humanidade, o campo das artes, o campo da filosofia, a gente que trabalha com esse olhar integrativo” [P3].

É preciso destacar que as profissionais trouxeram autores e obras originais, como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Carl G. Jung, Humberto Maturana, Edgar Morin, Paulo Freire, dentre outros, evitando a leitura de fontes secundárias, pois “o texto tem a dizer e só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele”²⁶ (p. 12).

Para CALVINO²⁶, os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos, desse modo, é melhor lê-los do que não lê-los. Eles nos fascinam, nos acolhem e ganham vida quando os lemos. E podem ser formativos ao movimentar as nossas experiências, “porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo”²³ (p. 585):

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular)²⁶ (p. 12).

Assim, o processo formativo não é estático, ele é composto por tudo o que vem antes e tudo que continuará depois, é uma interação dinâmica em constante construção que não ocorre isolada, mas se combina de modos variados. E as obras e os autores nos inspiram com conhecimentos, ideias e caminhos que nos ajudam em nossa travessia e nas diferentes formas de existir, criando e inventando novos sentidos às experiências, aos conhecimentos, aos saberes, às sabedorias e às práticas de saúde.

Encontros na travessia

Os Centros de Convivência e Cooperativa (CECCO) do município de São Paulo são espaços que pensam o cuidado em saúde de uma outra maneira. De forma que coloca em prática os princípios fundamentais do SUS – universalização, equidade e integralidade –, pois ao surgirem em 1989^e, nascem como um serviço intersetorial na saúde e não apenas como um serviço da rede substitutiva da rede de saúde mental²⁷, “aqui,

produzir saúde é necessariamente produzir encontros com outras esferas sociais”²⁷ (p. 20).

Os encontros são possíveis na integração com a cultura, com arte, com o lazer, com a educação, com o trabalho e até mesmo com a própria saúde, uma integração de conhecimentos, experiências, práticas, saberes e sabedorias, que “ofertam uma experiência de ‘transver’ o real”²⁸ (p. 156), criando furos no muro institucional da saúde, parafraseando os autores²⁸. Percebemos que os encontros no mapa vão além da formação acadêmica, eles percorrem as humanidades, a filosofia, a literatura, a arte, a educação. As ações intersetoriais e a inter e transdisciplinaridade nos CECCO parecem levar as profissionais a uma busca para além do saber técnico da PICS que cada uma desenvolve.

Os CECCO encontram-se em espaços por excelência públicos²⁹⁻³⁰. Espaços esses, que não apenas produzem encontros, mas que provocam encontros “na transversalidade, na heterogeneidade, no enfrentamento ao gueto, no desalinho, no desafino”²⁹ (p. 27). Um encontro com o outro, um encontro de vidas, com o sentir-se bem, por ouvir e fazer-se ouvir, estabelecer vínculos, ou seja, uma construção de relações. Encontros e desencontros que também ocorrem com os autores e as obras escolhidas pelas profissionais. Um encontro onde os saberes se reconhecem, se estranham, se juntam, se afastam, se compõe, trocam de lugares, conversam, experimentam, criam novos lugares modificados, dialogam de uma certa maneira, mesmo na distância que os separa.

Assim, a intersetorialidade deixa de ser um desafio e permite um avanço das práticas de saúde, diferente do que aponta os autores em seu estudo⁸, pois os CECCO são serviços que não se fixam exclusivamente em saúde, mas invadem e transitam por outros territórios²⁷. Os Centros de Convivência ao misturar saberes e intervenções possibilitam uma religação desses saberes, que nas palavras de Isabel Cristina Lopes²⁹:

exige de todos nós um desnudar-se das áreas, o que não significa jogar de lado o que sabemos e as nossas especificidades, mas é promover, de maneira generosa, um diálogo dessas especificidades entre si e descobrir que além de especificidades, temos saberes não específicos e, quando eles dialogam e se juntam, eles promovem transformações (p. 28).

Os Centros de Convivência ao buscarem a desinstitucionalização manicomial parecem provocar essa desinstitucionalização na saúde. Que nos leva a olhá-la de outra maneira, maneira na qual precisamos observar os indicadores culturais para tentar compreendê-la. Dessa forma, essa intersecção de relações, de experiências, de saberes, de espaços e de vidas parece refletida no referencial das profissionais responsáveis pelas PICS do CECCO Ibirapuera.

Uma travessia...

As PICS mesmo sendo uma realidade no âmbito dos serviços de saúde como dispositivo de produção de saúde estão, de uma forma geral, fora da formação universitária, ausentes do processo de formação dos profissionais de saúde. Na minha graduação na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EFFE-USP) eu tive vivências pontuais trazidas por colegas em algumas práticas corporais que compõem as PICS, mas nada de experiências com os conceitos, as teorias e as filosofias vinculadas a elas. Quais as implicações da ausência das PICS no processo formativo? O que é necessário para qualificá-las e defendê-las? Como fazê-las existir?

A construção de um mapa a partir de autores e obras usadas como referencial pelas profissionais responsáveis pelas PICS no CECCO Parque Ibirapuera busca as conexões e os sentidos das práticas com a saúde. Reconhecemos como um limite da presente pesquisa a leitura e diálogo de

uma única instituição de saúde, cujo cuidado se diferencia da forma hegemônica predominante nos serviços de saúde de base biologicista. Sugerimos estudos futuros em outros cenários do SUS. Por outro lado, mesmo apresentando uma realidade particular, este estudo nos sinaliza pistas para qualificar a formação em saúde.

A pesquisa aponta o CECCO Parque Ibirapuera como um espaço que valoriza a existência das PICS como produção de cuidado e vida e demarca uma dificuldade em sustentar espaços de pensamento e reflexão sobre as práticas no cotidiano do serviço. Entretanto, a pergunta norteadora que elegemos para esta pesquisa pareceu provocar desconfortos e deslocamentos às profissionais, levando-as a pensar sobre os autores e conceitos que subsidiaram a prática no período subsequente à entrevista e a procura de outras leituras. Momentos para pensar a prática foram fortalecidos nesse período, especialmente pela existência da residência multiprofissional na instituição.

Assim, não existe uma forma, mas formas de forma-de-ação que conversam, aproximam, trocam e deslocam experiências, práticas, conhecimento, saberes e sabedorias, “mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”²³ (p. 23). A formação para pensar e ressignificar as PICS acontece por variados caminhos, caminhares e encontros que ajudam a compor o referencial conceitual. Aqui vivemos uma travessia...

Notas

- a. Verso do poema “Uma didática da invenção” de Manoel de Barros.
- b. Nome da exposição do artista plástico Paul Klee que ocorreu no Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo de 13/02/19 a 29/04/19, com curadoria de Fabienne Eggelhöfer, do Zentrum Paul Klee, de Berna, Suíça.
- c. Referência à frase do artista: “Desenhar é como levar uma linha para passear”, que se encontrava na mesma exposição.
- d. “Viver é muito perigoso”²³.
- e. Os Centros de Convivência e Cooperativa foram idealizados pela psicóloga sanitária Isabel Cristina Lopes, na gestão da Prefeita Luiza Erundina (gestão do Partido dos Trabalhadores de 1989-1992).

Conflito de interesse

Declaramos que não há conflito de interesse.

Abstract

Map, concepts and passage: integrative and complementary practices in the Unified Health System.

The integrative and complementary practices (PICS) are a reality of care in the Unified Health System and have expanded these past years. This qualitative research, from individual inter-views, resulted in a map showing authors and works used as a theoretical framework by healthcare professionals responsible for PICS at Coexistence and Cooperative Centre (CEC-CO) Parque Ibirapuera, to guide the practices. Connections, concepts and meanings are attributed to PICS and health. In dialogue with Antônio Cândido and meeting Guimarães Rosa, we discussed health education, problematizing thinking about practice. The matches and mis-matches take place on different paths and instigate my passage, without beginning or ending.

KEYWORDS: Health education; Healthcare practices; Physical Education and health; CECCO.

Referências

1. Tesser CD, Sousa IMC. Atenção primária, atenção psicossocial, práticas integrativas e complementares e suas afinidades eletivas. *Saude Soc.* 2012;21(2): 336-350. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000200008&lng=en&nrm=iso.
2. Telesi Júnior E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estud Av.* 2016;30(86):99-112. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000100099&lng=en&nrm=iso.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação no acesso. Brasília: Ministério da Saúde; 2015. 98 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_praticas_integrativas_complementares_sus_2ed_1_reimp.pdf.
4. Azevedo E, Pelicioni MCF. Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação. *Trab Educ Saúde.* 2011; 9(3):361-78. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000300002>.
5. Carvalho JLS, Nóbrega MPSS. Práticas integrativas e complementares como recurso de saúde mental na Atenção Básica. *Rev Gaúcha Enferm.* 2017; 38(4): e2017-0014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.2017-0014>.
6. Nascimento MC, Romano VF, Chazan ACS, Quaresma CH. Formação em práticas integrativas e complementares em saúde: desafios para as universidades públicas. *Trab Educ Saúde.* 2018;16(2):751-72. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00130>.
7. Santos MC, Tesser CD. Um método para a implantação e promoção de acesso às Práticas integrativas e complementares na atenção Primária à Saúde. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2012;17(11):3011-3024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001100018>.
8. Lima KMSV, Silva KL, Tesser, CD. Práticas integrativas e complementares e relação com promoção da saúde: experiência de um serviço municipal de saúde. *Interface.* 2014;18(49):261-272. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000200261&lng=en&nrm=iso.
9. Losso LN, Freitas SFT. Avaliação do grau da implantação das práticas integrativas e complementares na Atenção Básica em Santa Catarina, Brasil. *Saúde Debate.* 2017;41(Esp 3):171-87. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042017S313>.
10. Sousa IMC, Bodstein RCA, Tesser CD, Santos FAS, Hortale VA. Práticas integrativas e complementares: oferta e produção de atendimentos no SUS e em municípios selecionados. *Cad Saúde Pública.* 2012; 28(11):2143-2154. Disponível

em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012001100014>.

11. Contatore OA, Barros NF, Durval MR, Barrio PCCC, Coutinho BD, Santos JA, et al. Uso, cuidado e política das práticas integrativas e complementares na Atenção Primária à Saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2015; 20(10): 263-73. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152010.00312015>.

12. Feuerwerker LCM. *Micropolítica e Saúde: produção do cuidado, gestão e formação*. Porto Alegre: Rede UNIDA; 2014. Capítulo 5, *Micropolítica e a formação de profissionais de saúde*; p. 119-60.

13. Carvalho YM, Ceccim RB. *Formação e Educação em Saúde: aprendizados com a saúde coletiva*. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Júnior M, Carvalho YM, organizadores. *Tratado de Saúde Coletiva*. 2. ed. São Paulo: Hucitec Editora; 2012. p. 137-70.

14. Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Rev Bras Educ*. 2002;(19):20-8. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso.

15. Mendes VM, Carvalho YM, Brandão FFF. Nós, com os outros e o SUS: uma perspectiva micropolítica do cuidado para além da atenção básica. In: Wachs F, Almeida UR, Brandão FFF, organizadores. *Educação Física e Saúde Coletiva: cenários, experiências e artefatos culturais*. Porto Alegre: Rede UNIDA; 2016. p. 23-45.

16. Maeder BJ, Holanda AF, Costa II. Pesquisa qualitativa e fenomenológica em saúde mental: mapeamento como proposta de método descritivo. *Psic Teor Pesq*. 2019;(35):e35439. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35439>.

17. São Paulo (município). Secretaria Municipal de Saúde. Gabinete do Secretário. Portaria no 964 de 25 de out de 2018. Regulamenta os Centros de Convivência e Cooperativa e estabelece diretrizes para o seu funcionamento. *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*. 27 out 2018; 63(204):19-20. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/GatewayCertificaPDF.aspx?notarizacaoID=7d9556a6-258d-425d-8552-fe9a6e9c3dd7>.

18. Sade C, Barros LMR, Melo JJM, Passos E. Christian Sade Leticia Maria Renault de Barros Jorge José Maciel Melo Eduardo Passos. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2013;18(10):2813-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000006>

19. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2018. 180 p. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/12/glossario-tematico.pdf>.

20. *Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Práticas Corporais e Meditativas/Atividade Física na CRS SUDESTE - STS Jabaquara/Vila Mariana*. 2019. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/atencao_basica/index.php?p=236738.

21. Chang J, Leal L. *Saúde longevidade. Caderno 1*. São Paulo: Associação Tai Chi Pai Lin/Espaço Luz; 2015.

22. Candido A. *Vários Escritos*. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades; 2004. p. 169-91.

23. Rosa JG. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2006.

24. Candido, A. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda.; 2000. p. 23-37.

25. Carvalho MS, Merhy EE, Sousa MF. Repensando as políticas de Saúde no Brasil: Educação Permanente em Saúde centrada no encontro e no saber da experiência. *Interface (Botucatu)*. 2019;23:e190211. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100285&lng=en&nrm=iso.

26. Calvino I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras; 1993. p. 9-16.

27. Galetti MC. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *Centros de Convivência e Cooperativa: Cadernos Temáticos CRP SP*. São Paulo: CRP - SP; 2015. p. 19-22.

28. Merhy EE, Gomes MPC, Silva E.; Santos MFL, Cruz KT, Franco TB. *Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde*. *Divulg Saúde Debate*. 2014;(52):153-64. Disponível em: <http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2014/12/Divulgacao-52.pdf>.

29. Lopes IC. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *Centros de Convivência e Cooperativa: Cadernos Temáticos CRP SP*. São Paulo: CRP - SP; 2015. p. 27-32.

30. Lopes IC. *Centros de Convivência e Cooperativa: reinventando com arte agenciamentos de vida*. In: Fernandes MIA, Scarcelli IR, Costa ES, organizadores. *Fim de século: ainda manicômios?* São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 1999. p. 139-62.

ENDEREÇO

Laura Iumi Nobre Ota
Rua Mateus Grou, 398 - Pinheiros
05415-040 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: laura.ota@usp.br

Submetido: 06/03/2021

Revisado: 12/07/2022

Aceito: 31/12/2022